

A prática do sexo seguro no cotidiano de adolescentes

Practice safe sex in the daily life of teens

Practica de sexo seguro en la vida diaria de los adolescentes

Ana Maria Limeira de Godoi¹, José Roberto da Silva Brêtas²

Resumo

Estudo descritivo realizado com 500 adolescentes de ambos os sexos, entre 12 e 18 anos de idade, em duas escolas de ensino fundamental e médio situadas no município de Embu das Artes, São Paulo. Objetivos: caracterizar a população do estudo; identificar comportamentos relacionados à sexualidade; investigar o uso do preservativo como prática preventiva identificar o acesso ao preservativo. Método: utilizou-se um questionário semiestruturado, autoaplicável com 29 questões de múltipla escolha e um conjunto de figuras para organização da sequência de colocação do preservativo. Resultados: o estudo mostrou que 68% dos adolescentes buscavam informações sobre sexualidade, tendo como fonte principal os pais (36%); 38,6% tiveram pelo menos um (a) namorado (a); 78% achavam a virgindade importante; 85,4% eram heterossexuais; 30,6% tinham iniciação sexual, destes 73,8% iniciaram com 14 anos ou menos, 58,8% tiveram a primeira experiência sexual com namorado (a) e 47,7% faziam o uso do preservativo.

Descritores

Adolescente, Comportamento sexual, Preservativos, Sexualidade

Abstract

A descriptive study was conducted with 500 adolescents of both sexes, between 12 and 18 years old in two schools of elementary and middle school located in the town of Embu das Artes, São Paulo. Goal: It aimed to characterize the study population, identify behaviors related to sexuality; investigate the use of condoms as preventive practice, identify access to condoms. Method: we used a semi-structured questionnaire, with self-administered 29 question multiple-choice and a set of figures for the organization of the sequence of placing the condom. Results: the results showed that 68% of the population seeking information about sexuality, and parents as the primary source (36%), 38.6% had at least one a boyfriend/ a girlfriend, 78% thought their virginity important, 85.4% heterosexual, 30.6% with sexual initiation, 73.8% of these started with 14 years or less, 58.8% had first sex with boyfriend / girlfriend and 47.7% were using condoms.

Keywords

Adolescent, Sexual behavior, Condoms, Sexuality

Resumen

Realizó un estudio descriptivo se llevó a cabo con 500 adolescentes de ambos sexos, entre 12 y 18 años de edad en dos escuelas de primaria y secundaria ubicada en la localidad de Embu das Artes, São Paulo. Objetivos: su objetivo era caracterizar la población de estudio, identificar los comportamientos relacionados con la sexualidad; investigar el uso de condones como práctica preventiva, identificar el acceso a los condones. Método: se utilizó un cuestionario semi-estructurado, con auto-administrado de 29 preguntas de opción múltiple y una serie de cifras para la organización de la secuencia de colocar el condone. Resultados: los resultados mostraron que el 68% de la población que buscan información acerca de la sexualidad, y los padres como la fuente primaria (36%), el 38,6% tenía al menos un novio / novia, el 78% cree importante la virginidad, el 85,4% heterosexual, el 30,6% con la iniciación sexual, el 73,8% de estos se inició con 14 años o menos, el 58,8% tienen su primera relación sexual con su novio / novia y 47,7% utilizado condone.

Palabras clave

Adolescente, Comportamiento sexual, Condones, Sexualidad

¹Enfermeira. Mestranda em Ciências, Escola Paulista de Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo, Integrante do Grupo de Estudos sobre Corporalidade e Promoção da Saúde (Gecopros), São Paulo-SP.

²Professor Adjunto, Escola Paulista de Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo-SP, Pesquisador e líder do Grupo de Estudos sobre Corporalidade e Promoção da Saúde (Gecopros), São Paulo-SP.

Autor correspondente: Ana Maria Limeira de Godoi - anamaria.godoi@yahoo.com

Introdução

Neste estudo, consideramos o fato dos adolescentes constituírem uma população vulnerável quanto à sua capacidade de superar situações e fatores de risco, tais como a prevenção de gravidez e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).

Para atender às necessidades do estudo, adotamos o conceito de adolescência aceito pelo grupo de Estudos sobre Corporalidade e Promoção da Saúde (Gecopros) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), como fenômeno biopsicossocial; sendo entendida como um período de transição entre a infância e a idade adulta, caracterizado por intenso crescimento e desenvolvimento que se manifesta por marcantes transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais, em um determinado contexto sócio-histórico.⁽¹⁾ Vale ressaltar que a adolescência é a etapa na qual o indivíduo busca a identidade adulta, apoiando-se nas primeiras relações afetivas, já interiorizadas, que teve com seus familiares e na realidade oferecida pelas relações sociais e pela cultura.

Na adolescência, o “outro”, que até então era só visto como amigo/a, de forma aparentemente assexuada, passa a despertar a atenção, a provocar sentimentos de desejo, promover novas descobertas, sensações, emoções, identificadas com formas de manifestação explícitas da sexualidade, despertadas pela influência da genitalidade, organização do objeto e orientação do desejo sexual.

Esses elementos constitutivos configuram a identidade do adolescente, na qual é importante considerar os processos sociais e culturais que de certa forma delineiam a construção dessa identidade, que se identifica constitui talvez o fator central do gênero e da sexualidade, tendo em vista sua identificação como um processo constante de mudança, como também suas implicações na experiência da vida sexual.

Neste contexto, podemos dizer que a população de adolescentes apresenta-se muito vulnerável, possuindo características próprias do adolecer, como a atitude de negação diante de sua sexualidade; sentimento de onipotência, que faz com que se sinta imune ao perigo e sentimento de culpa, após o início da atividade sexual, entre outros.⁽¹⁾

De acordo com dados do Ministério da Saúde, em 2010 foram registrados 34.219 casos de AIDS no Brasil, sendo 645 entre jovens de 13 e 19 anos de idade.

As regiões com maior incidência de AIDS entre jovens em 2010, foram a Sul, com 14,2 casos para cada 100 mil habitantes e a região Sudeste com 9,2.⁽²⁾ Assim, podemos associar que a informação dada sobre esse tema aos adolescentes não condiz com as características do adolecer, sendo então de baixo impacto a esse público alvo. Mostrando-nos que a problemática está na certeza de que os adolescentes e jovens sabem fazer uso correto do preservativo.

O preservativo apresenta inúmeras vantagens, sendo o único método que oferece dupla proteção, ou seja, é comprovadamente eficaz contra a gravidez e contra as DST/AIDS, claro que se usado de maneira correta e constante durante as relações sexuais.⁽³⁾ Dessa forma, sua eficiência ultrapassa os 85% de eficácia, sobretudo porque não interfere no ciclo menstrual, permite ao homem dividir com a mulher a responsabilidade da contracepção, além de ser distribuído gratuitamente em Unidades Básicas de Saúde.

No Brasil, verifica-se o aumento do uso do preservativo desde o início da epidemia de HIV/AIDS, visto que em 1998 apenas 23,87% das pessoas sexualmente ativas faziam uso, em 2005, esse número subiu para 35,37% de usuários. Contudo o percentual de uso ainda está muito abaixo do ideal. Ainda, aproximadamente 25% de todas as DST são diagnosticadas em jovens, que representam um sério impacto na saúde reprodutiva das adolescentes que, muitas vezes, causam esterilidade dentre outros problemas de saúde, bem como em sua autoestima.⁽⁴⁾

Entendemos a importância do acesso a informações no campo de saúde sexual a adolescentes e jovens. Levando em consideração que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) diz que estes têm o direito de ser bem informados sobre cuidados com seu corpo, as transformações que vão acontecendo sem tabus, preconceitos ou medos.⁽³⁾

Assim, do ponto de vista da promoção da saúde, não importa quem está fazendo sexo, com quem ou em que idade; o que importa é reconhecer que quase todo mundo vai fazer sexo algum dia e assegurar que quando acontecer, deverá ser vontade própria e com os recursos, conhecimento e habilidade de negociar sexo seguro com os/as parceiros/as.

Por outro lado, grupos que pregam a promoção da abstinência têm favorecido a diminuição do

uso de anticoncepcionais (inclusive, o preservativo) entre jovens sexualmente ativos, o que expõe essas pessoas à gravidez não planejada e às DST.⁽⁵⁾ Assim, da mesma forma que os jovens americanos foram submetidos a políticas de educação sexual conservadoras, jovens brasileiros muitas vezes recebem esse tipo de informação e torna-se na esfera de vulnerabilidade individual, programática e social suscetível ao não uso do preservativo por assumir uma postura conservadora.

Na esfera de vulnerabilidade individual, esses questionamentos quanto ao uso do preservativo, fortalecem atitudes, como o não uso do preservativo nos relacionamentos estáveis, onde os argumentos conservadores ganham força nas negociações entre os parceiros.

Por fim, consideramos que a análise do conhecimento sobre o métodos anticoncepcionais e preventivos na maioria dos estudos disponíveis é feita de modo muito subjetivo, muitas vezes não incluindo, por exemplo, o modo de usar, o que pode produzir uma interpretação não verdadeira do grau de conhecimento do público alvo sobre o assunto.⁽⁶⁾

Com base nos pressupostos citados, ressaltamos a importância deste estudo para a obtenção de dados visando à orientação do conteúdo programático das atividades desenvolvidas nas oficinas de educação em Sexualidade do Projeto de Extensão Universitária “Corporalidade e Promoção da Saúde” e contribuir na Educação em Saúde de adolescentes e jovens.

Finalmente, seus objetivos foram: caracterizar a população do estudo; identificar comportamentos de inter-relacionamentos sexuais entre adolescentes; conhecer o uso do preservativo como prática preventiva; verificar o conhecimento dos adolescentes sobre o uso correto do preservativo e identificar o acesso ao preservativo.

Método

Tratou-se de um estudo descritivo, que buscou apresentar as características de determinada população ou fatos e fenômenos de uma realidade, além de estabelecer relações entre as variáveis.⁽⁷⁾ Este tipo de estudo promove um delineamento da realidade, uma vez que descreve, registra, analisa e interpreta a natureza atual ou os processos dos fenômenos. O enfoque do método

sobre as condições dominantes da realidade ou como uma pessoa, grupo, ou coisa se conduz ou funciona no presente, empregando para este fim a comparação e o contraste, informando as condições atuais, necessidades e como alcançar resultados.⁽⁷⁾

O projeto deste estudo foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética da Unifesp, com Protocolo nº 131.510, cumprindo as especificações estabelecidas pela Resolução 466/12, que envolve as normas de pesquisa com seres humanos.⁽⁸⁾ É importante ressaltar que os termos de consentimento e assentimento foram devidamente esclarecidos e assinados respectivamente pelos responsáveis e participantes do estudo.

Como procedimento metodológico para o redimensionamento do instrumento, foi realizado um pré-teste envolvendo 100 adolescentes, cujos resultados contribuíram para a finalização do questionário utilizado neste estudo, com características de instrumento semiestruturado, autoaplicável, contendo 29 questões de múltipla escolha e um conjunto de figuras sobre a colocação do preservativo para serem organizadas em sequência correta. As questões corresponderam a variáveis relacionadas aos dados sociodemográficos (idade, sexo, escolaridade, religião) para caracterização da população estudada, comportamento sexual (conhecimento sobre sexualidade, namoro, orientação do desejo sexual, iniciação e intercurso sexual) e comportamento preventivo (frequência de uso do preservativo, opinião quanto ao preservativo e seu uso, conhecimento do procedimento da colocação do preservativo e acesso ao preservativo).

Este estudo envolveu 500 participantes de ambos os sexos, na faixa etária entre 12 e 18 anos de idade, que frequentavam duas escolas de ensino fundamental e médio parceiras do Projeto de Extensão Universitária Corporalidade e Promoção da Saúde, desenvolvido no município de Embu das Artes, São Paulo. Para participar da pesquisa de inclusão usados foram: o adolescente estar devidamente matriculado em uma das escolas participantes do projeto; estar na faixa etária delimitada pela pesquisa; estar participando das atividades de extensão e aceitar participar espontaneamente do estudo.

As informações coletadas com base no questionário foram inseridas em uma planilha no programa Excel (Windows XP), analisadas e interpretadas

em um contexto quantitativo, expressas mediante símbolos numéricos. Apresentadas em tabelas para melhor compreensão das mesmas e analisadas descritivamente, com indicação de frequência absoluta e relativa.

Resultados

Os resultados demonstraram que 55% dos adolescentes encontravam-se entre 12 e 14 anos, seguido de 33%

entre 14 e 16 anos. Com relação à escolaridade, a população estudada apresentou 52% de alunos matriculados na 8ª série seguido de 17% matriculados na 7ª série. Em relação à religião 43% se consideravam católicos, 26% evangélicos e 26% referiram não ter religião.

Quanto à solicitação para que os participantes do estudo executassem a ordenação numérica de figuras sobre a sequência de colocação do preservativo, a mesma contou com 14 figuras, uma sequência correta de 11 figuras e três incorretas.

Tabela 1 - Distribuição dos participantes, conforme comportamento sexual por sexo – Embu das Artes, SP – Brasil.

Variáveis	Masculino		Feminino		Total	
	F(250)	Fr(100%)	F(250)	Fr(100%)	F(500)	F(100%)
Informações sobre Sexualidade						
Sim	168	67	172	69	340	68
Não	82	33	78	31	160	32
Conhecimento sobre Sexo/sexualidade						
Suficiente	172	69	172	69	344	69
Insuficiente	78	31	78	31	156	31
Fontes de informação						
Pai	58	23	20	8	78	16
Mãe	23	9	81	32	104	20
Amigos	54	22	61	24	115	23
Professor	6	2	13	5	19	4
Internet	10	4	9	4	19	4
Outros*	24	10	20	8	44	9
Nenhuma	75	30	46	18	121	24
Idade certa para iniciar namoro						
Sim	95	38	129	52	224	45
Não	155	62	121	48	276	55
Número de namorados(as)						
Nenhum(a)	50	20	97	39	147	29
1-2 namorados(as)	80	32	113	45	193	39
3-4 namorados(as)	44	18	22	9	66	13
Mais de cinco namorados(as)	76	30	18	7	94	19
Opinião sobre a Homossexualidade						
Normal	95	38	140	56	235	47
Uma doença	7	3	3	1	10	2
Uma coisa errada	80	32	50	20	130	26
Não tem opinião	68	27	57	23	125	25
Importância da virgindade						
Sim	165	66	225	90	390	78
Não	85	34	25	10	110	22
Orientação sexual						
Heterossexual	215	86	212	85	427	85
Homossexual	0	0	1	0,5	1	0,2
Bissexual	2	1	1	0,5	3	1
Não sabe	28	11	33	13	61	12
Não responderam	5	2	3	1	8	1,8
Iniciação sexual						
Sim	106	42	47	19	153	31
Não	144	58	203	81	347	69

Fonte: Escolas Participantes – Período matutino e vespertino.

*Outros: Outros parentes, médico, livros e namorado.

Obs: A distribuição de adolescentes e jovens quando se trata da iniciação sexual. Nessa tabela só estão inseridos os adolescentes e jovens que responderam "Sim" no item "Já transou?". Do total dos adolescentes e jovens que já iniciaram a relação sexual foram 30,6% no qual se refere à 153 dos adolescentes e jovens estudados.

Tabela 2 - Distribuição dos participantes, conforme comportamento sexual por sexo – Embu das Artes, SP - Brasil.

Variáveis	Masculino		Feminino		Total	
	F(106)	Fr(100%)	F(47)	Fr(100%)	F(153)	F(100%)
1ª experiência sexual						
14 anos ou menos	81	76	32	68	113	74
15 anos	15	14	8	17	23	15
16 anos	9	9	4	9	13	8
17 anos	1	1	2	4	3	2
18 anos ou mais	0	0	1	2	1	1
Parceiro(a) da 1ª experiência sexual						
Amigo(a)	36	34	8	17	44	29
Namorado(a)	52	49	38	81	90	59
Prostituta/garoto de programa	1	1	0	0	1	1
Outros*	17	16	1	2	18	11
Usou preservativo na 1ª relação sexual						
Sim	61	58	41	87	102	67
Não	45	42	6	13	51	33
Usou preservativo na última relação sexual						
Sim	76	72	38	81	114	75
Não	30	28	9	19	39	25
Parceiro(a) fixo(a)						
Sim	20	19	27	57	47	31
Não	86	81	20	43	106	69
Usou preservativo com parceiro(a)						
Sim	46	43	27	57	73	48
Não	60	57	20	43	80	52
Leva consigo preservativo						
Sim	81	76	34	72	115	75
Não	25	24	13	28	38	25

Fonte: Escolas Participantes – Período matutino e vespertino.

*Outros: Primo (a) e "ficante".

Obs: A distribuição de adolescentes e jovens quando se trata da iniciação sexual. Nessa tabela só estão inseridos os adolescentes e jovens que responderam "Sim" no item "Já transou?". Do total dos adolescentes e jovens que já iniciaram a relação sexual foram 30,6% no qual se refere à 153 dos adolescentes e jovens estudados.

Os resultados demonstraram que, da população de 500 adolescentes entre 12 e 18 anos de idade, ninguém conseguiu acertar a sequência correta como um todo. Ficou demonstrado que 36% desta população não acertou nenhuma figura da sequência; 20% acertaram apenas uma figura da sequência; 11%, duas figuras; 5%, três figuras; 11%, quatro figuras; 5%, cinco figuras; 7%, seis figuras; 3%, sete figuras; 2%, oito figuras da sequência correta.

Discussão

O interesse pelo assunto sexualidade foi semelhante entre os sexos masculino e feminino, pois ambos os grupos buscavam informações sobre o assunto, ainda que as manifestações do comportamento sexual fossem diferentes entre eles.

Quanto ao conhecimento adquirido sobre sexualidade, 69% dos respondentes consideraram suficiente, e 31% insuficiente, com total semelhante entre os sexos masculino e feminino.

Com relação às fontes de informação para compor esse conhecimento, ressaltam-se que três resultados importantes: os pais (36%) como primeiro recurso (16% de pais; 20% de mães), posteriormente os amigos, contrastando com a indicação de professores e da internet que apresentaram menor percentual. Vale destacar que buscar informações com amigos (26%) e parte dos respondentes (24%) ter referido não ter nenhuma fonte de informação foi preocupante no que tange a qualidade da informação e à vulnerabilização desta população.

Contrastando com nossos resultados, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - 2012 mostrou que 89,1% dos escolares disseram ter recebido informações sobre DST/AIDS na escola.⁽⁹⁾

Outros achados foram interessantes, pois entende-se que a educação em sexualidade é prioritariamente uma competência da família, peça chave na identidade de gênero e no desenvolvimento do papel sexual dos filhos. Ainda no contexto dos resultados, destaca-

Tabela 3 – Distribuição dos participantes, conforme comportamento preventivo por sexo – Embu das Artes, SP, Brasil

Variáveis	Masculino		Feminino		Total	
	F(250)	Fr(100%)	F(250)	Fr(100%)	F(500)	F(100%)
Considera o Preservativo						
Prevenção - gravidez	118	47	144	58	262	53
Prevenção DST/AIDS	66	26	54	22	120	24
Respeito ao parceiro	31	12	36	14	67	13
Tira todo prazer	11	5	3	1	14	3
Outros	0	0	0	0	0	0
Não responderam	24	10	13	5	37	7
Motivo para não usar preservativo						
Não ter camisinha	80	32	68	27	148	30
Confiar no parceiro	71	28	94	38	165	33
Para ter mais prazer	55	22	17	7	72	14
Outros*	10	4	23	9	33	7
Não responderam	34	14	48	19	82	16
Métodos contraceptivos						
Sim. Qual? **	4	2	32	13	36	7
Não	223	89	198	79	421	84
Não responderam	23	9	20	8	43	9
DST						
Sim	1	0,5	1	0,5	2	0,5
Não	225	90	232	93	457	84
Não responderam	24	9,5	17	6,5	41	8,5
Local de aquisição do preservativo						
Posto de Saúde	126	50	110	44	236	47
Farmácia	59	24	72	29	131	26
Escola	30	12	27	11	57	12
Outros	7	3	0	0	7	1
Não responderam	28	11	41	16	69	14
Aquisição do preservativo em UBS						
Sim	200	80	196	79	396	79
Não. Por quê? ***	23	9	26	10	49	10
Não responderam	27	11	28	11	55	11

Fonte: Escolas Participantes – Período matutino e vespertino

*Outros: Não estar no período fértil e desejo da gestação.

Qual**: Pílula anticoncepcional, pílula de emergência e tabelinha.

Porque***: Menor de idade prefere comprar, não tem conhecimento e vergonha. Observação: As questões desta tabela permitiram mais de uma alternativa.

se que a família e a escola exercem papéis diferentes e complementares na orientação dos adolescentes, uma não substituiu a outra. A escola complementa o que é iniciado no lar, suprimindo lacunas, combatendo preconceitos, desenvolvendo respeito pelo corpo e pelos sentimentos. Nesse sentido, percebe-se a importância do professor na função natural de educador sexual no ambiente escolar, e a necessidade de renovação contínua de seus próprios conhecimentos sobre sexualidade, para cumprimento eficaz de seu papel.⁽¹⁰⁾

Ao analisar os resultados no item “número de namorados”, verificou-se que a maior parte das garotas teve pelo menos um namorado (45%). Mas, os rapazes já tiveram mais de uma namorada. De modo geral, os rapazes iniciam a vida sexual mais cedo que as garotas e sentem a necessidade de provar sua masculinidade.

Assim, influenciados pelas questões de gênero, para muitos rapazes, há um significado em ter várias parceiras, o que acaba colocando o grupo em maior vulnerabilidade para infecção por HIV.⁽¹¹⁾

A influência dos pais recai como exemplo na atividade sexual na adolescência. Antigamente, homens adolescentes eram levados por seus próprios pais para que iniciassem sua vida sexual com profissionais do sexo, no intuito de afirmar sua masculinidade. Desde cedo eles são provocados a provar constantemente sua masculinidade e potência sexual. Por outro lado, a virgindade feminina era (e ainda é!) uma forma de avaliação e classificação moral da jovem mulher, e muito esforço era empregado para que ela não mantivesse relações sexuais antes do casamento. Tudo isso porque, em nossa sociedade, a concepção vigente de masculinidade

nidade e feminilidade é sustentada pela compreensão que a necessidade de sexo para o homem é um instinto tão forte quanto outros de natureza puramente biológica, como alimentar-se ou dormir, ao passo que, para as mulheres, o sexo só deve ocorrer na presença de sentimentos de amor e paixão, revelando o quanto as questões de gênero vem se mostrando fundamentais nas situações que cercam a primeira relação sexual.⁽¹²⁾

No item “você acha a virgindade importante?”, a maioria dos jovens respondeu que sim (78%). Atualmente o conceito de virgindade ainda é, muitas vezes, valorizado em certos meios sociais ou religiosos, especialmente, no que diz respeito à preservação da virgindade antes do casamento. Uma grande variedade de culturas tradicionais e as principais religiões monoteístas sugerem que a virgindade é um conceito importante dentro da tradição.

No presente estudo, 74% dos participantes referiram ter uma religião, 43% católicos e 26% evangélicos. O que pode ter influenciado a opinião dos adolescentes sobre a importância da virgindade, pois muitas religiões condenam a iniciação sexual antes do casamento. Neste contexto, o hímen sempre foi valorizado de alguma forma em diferentes culturas, servindo de prova da virtude ou honestidade futura da mulher, uma espécie de garantia. A manipulação pelos homens da importância do hímen foi aceita e ainda é, em muitos lugares pela mulher, pois se trata da invenção da preciosidade do hímen, como um objeto de barganha, isto é, a mulher passou a ter algo para negociar, em sociedades onde ela não tem recursos econômicos, a posse do hímen torna-a possuidora de um bem imediato.⁽¹³⁾

Para as garotas, a primeira experiência sexual aparece como formulada em termos de uma “entrega”, cuja legitimidade ocorre no âmbito de uma relação afetiva já consolidada (o namoro). No item “iniciação sexual” pôde-se observar que isso acontece, pois apenas 19% das meninas iniciaram sua relação sexual. As questões de gênero vêm se destacando como fundamentais nas escolhas que cercam a primeira experiência sexual. Ao mesmo tempo as meninas em que existe o desejo de ser descobrir, impõe-se a necessidade de “preservar”. Já a experiência masculina em contrapartida, traduz que o desempenho sexual é visto com um ganho. O estudo mostra que 42% dos rapazes já iniciaram sua relação sexual, ou seja, mais que o dobro do que as meninas.⁽¹²⁾ A virgindade masculina é

considerada pela sociedade uma fraqueza do homem, já que ele é atribuído à prontidão ininterrupta para o sexo. A explicação para tais diferenças tem ocorrido em parte por questões de gênero, no cumprimento de um determinado padrão de masculinidade ainda arraigado, implicando auto cobrança, assim como na importância atribuída à virgindade entre as mulheres, que experimentam sua sexualidade mais, frequentemente, em relacionamento estável do tipo “namoro”. Conclui-se que a iniciação sexual, ou seja, a primeira relação sexual, não ocorre de forma homogênea entre homens e mulheres, grupos sociais ou gerações.⁽¹⁴⁾

Em relação às diferenças na iniciação sexual entre as gerações, destaca-se que vem sendo observada uma antecipação na idade da primeira relação sexual, o que significa que, atualmente, rapazes e garotas estão iniciando a vida sexual mais cedo que as gerações anteriores. No presente estudo, pôde ser observado que a proporção de adolescentes do sexo masculino que tiveram a primeira relação sexual, entre 14 anos ou menos, foi de 76%. Já a proporção de garotas que tiveram a primeira relação sexual entre 14 anos ou menos foi de 68%.⁽¹⁵⁾

Em relação ao primeiro intercurso sexual na adolescência, Borges relata que as garotas, em geral, têm a primeira relação sexual com os namorados. As adolescentes guardam a primeira vez para ser compartilhada com pessoas com quem têm um envolvimento afetivo-amoroso.⁽¹³⁾ A primeira relação sexual ocorre com o namorado na maior parte das vezes. Pode ser observado que a maior parte das garotas teve sua primeira relação sexual com namorado (81%), e os rapazes tiveram a maior predominância com amigo/a e outros. Por sua vez, os rapazes têm a primeira relação sexual com amigas e “ficantes” (o estudo também sugeriu outros parentes), geralmente, com um pouco mais de idade (mas ainda adolescentes) e nem sempre experientes sexualmente.

Os resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - 2012, para o Brasil, revelaram que 28,7% dos escolares já tiveram relação sexual alguma vez na vida. As proporções desse indicador foram de 40,1% entre os meninos e de 18,3% para as meninas.⁽⁹⁾

Outras pesquisas corroboram nossos achados, vem mostrando que a iniciação sexual de adolescentes do sexo masculino é mais precoce do que a observada para o sexo feminino. Pesquisa realizada no Estado de

Lara, na Venezuela, com 2.070 estudantes do 7º, 8º e 9º anos demonstrou que 27,0% dos meninos e 3,8% das meninas já haviam tido relações sexuais. Deste contingente, 54,9% dos alunos e 23,5% das alunas tiveram sua primeira relação sexual aos 12 anos de idade.⁽¹⁶⁾

Foram obtidos resultados positivos para o estudo em itens como “usou camisinha na primeira relação sexual” e “usou camisinha na última relação sexual”. Mas, identificou-se que as garotas foram 30% a mais que os rapazes que optaram pelo uso do preservativo masculino na primeira relação sexual, porque culturalmente a prevenção da gravidez é uma atribuição exclusiva da mulher com relação à vida reprodutiva. Nesse sentido, estudos indicam que as garotas previnem-se mais que os rapazes.⁽¹⁷⁾

Os resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - 2012 revelaram, quanto ao uso de preservativos pelos escolares, dos 28,7% que declararam relação sexual alguma vez na vida, 75,3% disse ter usado preservativo na última vez. Desse total, 77,1% eram do sexo masculino e 71,8%, do sexo feminino.⁽⁹⁾

Outra análise que pode ser feita foi no item “Você tem parceiro/a fixo atualmente?”

Todas as garotas que responderam sim, também utilizavam o preservativo masculino com o parceiro atual. Isso foi outro dado positivo. Já 81% dos rapazes referiram não ter parceira fixa.

Outro resultado que corroborou essa mesma conclusão estava no item “procura sempre ter uma camisinha com você”, em que obteve-se o resultado de que 75% dos participantes carregavam consigo o preservativo.

Em nossa sociedade a gravidez na adolescência passa a ser vislumbrada como um risco a mais na vida dos adolescentes, sobretudo por conta da associação direta entre gestação e filhos, como obstáculo à trajetória profissional e educacional das adolescentes, além da ideia de que a mãe adolescente pode significar risco ao recém-nascido. Observou-se que 52% dos adolescentes consideravam o preservativo um meio de prevenção à gravidez. Na adolescência, a paternidade é tratada com base em abordagens preventivas e punitivas, ou seja, é associada à compreensão de que não deve ocorrer durante esta etapa da vida e, caso ocorra, é relacionada ao entendimento de que esse erro deve ser reparado por meio do casamento. Mesmo que em nossa sociedade, a gravidez ainda seja predominante-

mente interpretada como relativa à mulher, na atualidade, o que é justamente a dupla responsabilização pelo processo, de modo que homens e mulheres compartilhem do processo gestacional e da maternidade/paternidade.⁽¹⁸⁾

Os motivos que levam jovens a não usarem o preservativo masculino relacionam-se sobretudo às relações sexuais afetivas em que há um envolvimento afetivo-amoroso, há a tendência de abandonar o preservativo no decorrer do relacionamento e optar pelo uso de outros métodos como anticoncepcional.⁽¹⁴⁾ No estudo, a opção em não usar o preservativo masculino foi caracterizada por participantes do sexo masculino e feminino por confiar no/a parceiro/a (28% e 38% respectivamente). Dos participantes, 30% referiam, como fator da não utilização do preservativo, a falta deste no momento da relação sexual, assim o sexo se inscreve-se entre aquelas atividades que podem ser praticadas sem que se pense nelas e que, em função disso, não carecem de nenhuma programação.⁽¹⁹⁾

Apenas 7% dos jovens usavam outros métodos de contracepção. Os mais usados foram pílula anticoncepcional seguida da pílula de emergência (pílula do dia seguinte). Entre as causas mais comuns da gravidez encontravam-se o desconhecimento, a desinformação e/ou a não adoção de métodos para sua prevenção; a utilização de método de baixa eficácia; ou o uso incorreto e a falha no uso do método contraceptivo. Independente do mérito de todos os estudos que falam sobre o relacionamento afetivo-sexual entre os jovens, uma importante observação deve ser feita, trata-se da dificuldade de diálogo entre parceiros, o que permite uma tomada de decisão segura no que se refere à prevenção.⁽¹⁷⁾

Os dados da tabela 4 apresentam a distribuição percentual e absoluta da ocorrência de DST nos participantes. O resultado foi bastante positivo, pois 91% dos jovens responderam que nunca tiveram uma DST. Mas a atenção é importante, pois o número de casos de AIDS entre jovens do sexo feminino na faixa etária entre 20 e 24 anos vem aumentando nos últimos anos. Considerando o tempo transcorrido para o aparecimento da doença, constata-se que a infecção ocorreu nos primeiros anos da adolescência e só foi descoberta no início da idade adulta.⁽¹⁵⁾

No Brasil, a incidência de DST/AIDS vem crescendo na população em geral, sendo o número de adoles-

centes contaminados também crescente. A precocidade nas relações sexuais, a multiplicidade de parceiros e a pouca utilização de preservativos, associada a uma maior liberdade sexual, são alguns dos fatores conhecidos que podem contribuir para aumentar a vulnerabilidade das adolescentes às DST.⁽²⁰⁾

O item “aquisição do preservativo em UBS” revelou que alguns participantes afirmaram não conseguir adquirir preservativo em UBS pelo fato de serem menores de idade. Esse dado torna-se relevante com base no fato que o Ministério da Saúde afirma que o preservativo pode (além de comprado em farmácias e supermercados) ser obtido gratuitamente nas unidades de saúde.

Foi possível notar que os/as participantes do estudo tinham dúvidas, desconhecimentos e deficiência de informação em relação ao tema sexualidade e ao uso correto do preservativo. Ao observarmos os resultados da tabela 2, vimos com surpresa que 69% dos/as participantes afirmaram ter conhecimento suficiente sobre sexo/sexualidade.

Embora tenham informado ter conhecimento suficiente sobre o tema sexo/sexualidade, a totalidade dos participantes não apreendeu a sequência de colocação do preservativo, o que nos causa estranhamento e revela incoerência na afirmativa anterior. Sabe-se que essa temática é ainda muito complexa para se lidar, visto que, até hoje envolve preconceitos e tabus.

A dificuldade de pais e educadores em tratar do tema sexualidade possivelmente reside no fato de acreditarem que, uma vez mantidos diálogos sobre tal temática, poderiam estar incentivando os/as adolescentes à prática sexual acrescida do fato de que para se tratar abertamente do tema em questão, faz-se necessário, primeiramente,⁽²⁰⁾ trabalhar adequadamente nossa própria sexualidade.

Conclusão

O estudo, embora limitado por ter sido realizado com estudantes do ensino fundamental e médio de uma região do município do Embu das Artes, reflete a situação dos/as adolescentes que vivem em uma região periférica da região metropolitana de São Paulo frente à iniciação cada vez mais precoce das relações sexuais.

Os resultados do presente estudo serviram para caracterizar a população envolvida no mesmo e nas atividades de extensão promovidas junto às escolas, conforme idade, sexo, religião, escolaridade, local de estudo e período.

Foi possível identificar comportamentos e inter-relacionamentos sexuais entre os adolescentes participantes, também pudemos conhecer o comportamento relacionado ao uso do preservativo como prática preventiva. Verificou-se o conhecimento desses adolescentes sobre o uso correto do preservativo e os meios de acesso ao mesmo foram identificados.

Os resultados obtidos revelaram que a maioria dos(as) participantes não teve iniciação sexual, os que se colocaram como iniciados sexuais, fizeram-no precocemente e, em sua maioria, referiram utilizar, frequentemente, o preservativo masculino em suas relações. Por outro lado, os mesmos respondentes demonstraram incoerências quanto à afirmativa de conhecimento sobre o tema e à ação preventiva de uso do preservativo.

Ressalta-se que os dados obtidos neste estudo estão subsidiando as “oficinas de educação em sexualidade”, oferecidas aos adolescentes e o conteúdo do curso de capacitação “Introdução à temática: corpo, gênero e sexualidade” para professores da rede pública.

Referências

1. Brêtas JRS, Muroya RL, Goellner MB. Mudanças Corporais na Adolescência. In: Borges ALV; Fujimori E. (org.) *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica*. Barueri (SP): Manole; 2009.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico AIDS/DST 2011. Disponível em: <http://www.aids.gov.br>
3. Silva CV, Brêtas JRS, Ferreira D, Correa DS, Cintra CC. Uso da camisinha por adolescentes e jovens: avaliação da sequência dos procedimentos. *Acta Paulista de Enfermagem* 2004; 17(4): 392 - 399.
4. Wiese IRB, Saldanha AAW. Vulnerabilidade dos adolescentes às dst/aids: ainda uma questão de gênero?. *Psic. Saúde & Doenças*. Lisboa 2011, vol.12, n.1, p.105-118.
5. Girard F. O Kamasutra de Bush: muitas posições sobre sexo - implicações globais das políticas sobre sexualidade do governo dos Estados Unidos. *Coleção ABIA*; 2005.
6. Camargo EAI, Ferrari RAP. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. *Ciênc. Saúde coletiva* 2009, vol.14, n.3, p.937-946.
7. Gil AC. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 2010.
8. Brasil. Conselho Nacional de Saúde Resolução 466/12. Brasília, Diário Oficial da União, n.12, Seção 1 - pg. 59; 2013.
9. Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - 2012*. Rio de Janeiro: IBGE/ Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão; 2013.
10. Borges ALV, Início da vida sexual. In: Borges ALV, Fujimori E, organizadoras. *Enfermagem e a Saúde do Adolescente*. São Paulo: Manole; 2009. p. 283-299.

11. Gubert FA, Santos ACL, Aragão KA, Pereira DCR, Vieira NFC, Pinheiro PNC. Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE. *Rev. Eletr. Enf.* 2009. 11 (1):165-72.
12. Heilborn ML, Cabral CS. 'Youth, gender and sexual practices in Brazil'. *Psicologia & Sociedade*. 2013, vol. 25, p.33-43.
13. Borges ALV, Nakamura E. Normas sociais de iniciação sexual entre adolescentes e relação de gênero. *Ver. Latino-Am. Enfermagem* 2009, vol.17, n.1, p.94-100.
14. Borges ALV, Latorre MRDO, Schor N. Fatores associados ao início da vida sexual de adolescentes matriculados em uma unidade de saúde da família da zona leste do Município de São Paulo, Brasil. *Cad Saúde Pública* 2007 julho; 23(7):1583-93.
15. Garcia S, Souza FM. Vulnerabilidade ao HIV/aids no contexto Brasileiro: iniquidades de gênero, raça e geração. *Saúde soc.* 2010, vol.19, suppl.2, p.9-20.
16. Granero R, Poni ES, Sánchez Z. Sexuality among 7th, 8th and 9th grade students in the state of Lara, Venezuela. *The Global School Health Survey, 2003-2004. Puerto Rico Health Science Journal, Puerto Rico: University of Puerto Rico, Medical Sciences Campus*, v. 26, n. 3, p. 213-219, sept. 2007. Disponível em: <<http://prhsj.rcm.upr.edu/index.php/prhsj/article/view/240/139>>. Acesso em: maio 2013.
17. Mendonça RCM, Araújo TME. Análise da produção científica sobre o uso dos métodos contraceptivos pelos adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem* 2010 nov /dez; 63(6): 1040-5
18. Trindade RFC, Borges AVL. Gravidez na adolescência. In: Borges AVL, Fujimori E, organizadoras. *Enfermagem e a Saúde do adolescente na atenção básica*. São Paulo: Manole; 2009. p. 334-345.
19. Bonzon M, Heilborn ML. Iniciação à sexualidade: modos de socialização, interações de Gênero e Trajetórias individuais. In: Heilborn M, Aquino EML, Bozon M, Knauth DR, organizadores. *O aprendizado da sexualidade: reproduções e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond/ Editora: Fiocruz; 2006 p.155-202.
20. Barreto ACM, Santos RS. A vulnerabilidade de adolescentes às doenças sexualmente transmissíveis: contribuições para a prática da enfermagem. *Esc Anna Nery Rev Enferm* 2009 out-dez; 13 (4): 809-16.